



---

## Padrões funcionais do elemento *então* em sequências tipológicas do português – Uma abordagem pancrônica

Mariangela Rios de Oliveira (UFF)  
Ana Beatriz Arena (UFF)

**RESUMO:** Este artigo analisa, com base no funcionalismo linguístico e na linguística textual, os usos do elemento *então* numa perspectiva pancrônica. A partir de dados de textos escritos do português dos séculos XIII ao XX, com foco na distinção entre cinco sequências tipológicas e entre quatro funções do *então*, demonstramos que há forte motivação entre o ambiente textual de uso do elemento e sua polissemia e gramaticalização, motivada pela correlação entre pressões metonímicas e metafóricas no uso linguístico. Detectamos que a função mais gramaticalizada do *então*, a de operador argumentativo, tem registro mais recente na história da língua, o que configura mudança tardia em relação às demais funções.

Palavras-chave: *então*; advérbios; sequência tipológica; pancronia.

### Introdução

Um dos capítulos mais complexos para a descrição e análise da morfossintaxe do português é a dos advérbios, em sua interface semântico-funcional. Neste artigo, privilegiamos um dos constituintes que bem representa a feição híbrida da referida categoria – o elemento *então*. Partindo de uma perspectiva pancrônica, nos termos de Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), que conjuga a dimensão sincrônica e a diacrônica na detecção de tendências de mudança, de variabilidade e de estabilidade linguística, levantamos e analisamos os usos do *então* em texto escritos do português dos séculos XIII ao XX, conjugando o viés quantitativo e o qualitativo nesse empreendimento.

Em conformidade com Traugott e Dasher (2005: 80), partimos do pressuposto de que os distintos usos do *então*, identificadores de sua polissemia e gramaticalização, são decorrentes das relações associativas, contíguas e indexais, deste constituinte com os demais elementos do ambiente textual em que ocorre. Neste artigo, as relações associativas referidas são tomadas como as sequências tipológicas, conforme Marcuschi (2005) e Bonini (2005), em que se articulam os usos do *então*. Assim, entendemos que a derivação metafórica desse constituinte e os traços categoriais que pode assumir são

derivados, em larga escala, do ambiente contextual de sua ocorrência, conforme Arena (2008).

Por conta dessa concepção, partimos ainda da hipótese de que, mais do que o fator tempo, nos oito séculos pesquisados, são essas relações ou pressões metonímicas as desencadeadoras maiores dos distintos usos do *então*. Consideramos ser esse um tratamento mais original e contextual do constituinte investigado, em face do que já foi descrito e analisado em torno de seu uso.

Com base nas hipóteses apresentadas, nossos objetivos são a descrição e a análise dos padrões sintático-semânticos do *então* a partir justamente das sequências tipológicas em que ocorre este constituinte na língua portuguesa desde o século XIII. Procuramos identificar determinadas tendências de uso desses padrões relacionadas às características morfossintáticas das referidas estruturas tipológicas, com foco também na frequência de tais usos.

O artigo encontra-se desenvolvido em cinco seções. Na primeira, apresentamos o tratamento do *então* conforme a concepção da tradição gramatical e conforme as recentes abordagens linguísticas, que identificam a polissemia e a migração ou indistinção categorial do elemento. Na segunda seção, tratamos da fundamentação teórica que nos orienta, com foco no funcionalismo linguístico e na linguística textual. A terceira seção é dedicada à metodologia, em que são referidas as fontes empíricas pesquisadas e os procedimentos estatísticos privilegiados para o tratamento dos dados. Na quarta seção, procedemos efetivamente à análise, com a abordagem qualitativa e quantitativa dos dados; nessa análise, conjugamos três fatores – sequência tipológica, função do elemento e século – no intuito de fornecer uma abordagem mais holística aos fenômenos linguísticos investigados. Por fim, na quinta seção, trazemos algumas reflexões acerca dos resultados da pesquisa e das tendências que esses resultados apontam.

## **1. *Então* na gramática do português**

Nesta seção, dedicamo-nos à apresentação do tratamento que *então* tem recebido na descrição do português, tanto na perspectiva da tradição gramatical quanto na das mais recentes abordagens linguísticas, que admitem a derivação semântico-funcional desse constituinte.

### **1.1. Perspectiva das gramáticas tradicionais**

Considerando-se as gramáticas tradicionais, o *então* classifica-se, principalmente, como advérbio de tempo em face de sua capacidade de modificar verbo, adjetivo ou outro advérbio (Cipro Neto e Infante, 2003; Cunha e Cintra, 2001; Rocha Lima, 1992).

Embora estejamos diante de três critérios de classificação – mórfico, funcional e semântico, respectivamente –, é comum os gramáticos da linha tradicional priorizarem dois desses critérios, com maior destaque para o semântico, listando as circunstâncias que os advérbios expressam, e em seguida o funcional, explicitando o papel modificador que desempenham; o critério mórfico<sup>1</sup>, muitas vezes, fica relegado a

---

<sup>1</sup> Seguimos, aqui, a orientação de Mattoso Câmara (1970:83), para quem inexistente a flexão de grau em língua portuguesa: “A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um

terceiro plano. Além de mencionarem a invariabilidade da classe, a grande maioria das gramáticas apresenta a variação dos advérbios em grau, embora este não seja um critério mórfico por excelência.

Não obstante essa classificação, algumas gramáticas sequer o arrolam entre os advérbios de tempo, sendo-lhe reservado um lugar apenas entre as palavras denotativas de situação (Cegalla, 2000). Além disso, é possível, ainda, encontrar-se o *então* classificado como conjunção (Cipro Neto e Infante, 2003; Sacconi, 1994; Terra, 2003); nesse caso, quando o termo não aparece listado no capítulo das conjunções propriamente, ele é citado no capítulo das orações coordenadas conclusivas.

## 1.2. Perspectiva linguística

A linguística representa hoje um campo aberto e em contínua renovação, cujos estudos contribuem para a construção de modelos cada vez mais amplos que considerem os elementos constituintes do fenômeno linguístico. Seguindo essa tendência, Vilela e Koch (2001), alinhados com Ilari *et alii* (2002) e Neves (2000; 2002) questionam os critérios tradicionais de classificação dos advérbios.

Em sua classificação, Vilela e Koch (2001:254) apresentam um grupo de advérbios que, em face da não homogeneidade da categoria, “podem servir de **pró-palavras**, **pró-frases** e mesmo **pró-textos**, catafórica ou anaforicamente” Para os autores (2001:247), é a categoria advérbio que fornece elementos às preposições e às conjunções (ante - antes de / antes que, depois - depois de / depois que, então - então [narrativo] / então [argumentativo] etc.).

No que se refere ao *então*, como se pode observar, Vilela e Koch já apontam a relevância da relação “padrões funcionais do *então*” e “sequências tipológicas”.

### 1.2.1. A trajetória advérbio > conjunção

Em estudo sobre mudança linguística, Martelotta (2003) apresenta dados que sugerem que a trajetória advérbio > conjunção é unidirecional. Especificamente em relação ao *então*, a unidirecionalidade reside no fato de que o termo está cumprindo um percurso de item menos gramatical (advérbio) – mais concreto – a item mais gramatical (conjunção) – mais abstrato. Todavia, em nossa pesquisa, encontramos *então* com padrões de uso regulares desde o século XIII, de modo que a visão de que os usos do termo adquiriram valores espacial, temporal e textual de maneira sucessiva e unidirecional deve ser analisada com cuidado (Martelotta, 2003:64).

Pesquisas mais recentes, como a de Votre e Oliveira (2007), demonstram que é muito maior do que se pensava o volume de estruturas e construções que se mantêm e de sentidos que se conservam ao longo de diferentes sincronias. De acordo com Votre (1999, *apud* Martelotta, 2003:64-65), essa manutenção de padrões funcionais ao longo dos séculos deve-se a um fenômeno que o autor denomina “princípio da extensão imagética”. Esse princípio preconiza que as possibilidades e potencialidades de uma forma – nos planos sintático e semântico – estão disponíveis na mente dos usuários e podem se manifestar conforme as necessidades destes e conforme o contexto situacional do discurso de que participam.

---

mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si.”

Portanto, possivelmente a estabilidade sintático-semântica apresentada pelo *então* em diferentes sincronias encontre amparo no princípio da extensão imagética. Tendo disponíveis em suas mentes as diferentes potencialidades do item em estudo, há indícios de que os usuários da língua selecionem um determinado valor deste “pressionados” pelos traços lingüísticos do contexto a que o termo pertença.

### 1.2.2. A conjunção *então*: de conector lógico a operador argumentativo

Ainda que algumas gramáticas tradicionais arrolem o *então* como conjunção conclusiva, ficam ainda de fora outros valores sintático-semânticos decorrentes dos diferentes usos do termo nessa condição.

Para Pezatti (2002), um mesmo conectivo pode desenvolver um valor denotativo decorrente de uma relação objetiva entre fatos que “existem no mundo” (*dictum*), paralelamente a um valor tipicamente argumentativo (*modus*). Ainda segundo a autora, o *então* se inscreve nesse caso, já que “geralmente anuncia não só uma consequência factual, mas também uma conclusão do falante” (p. 191).

Koch (1992), em estudo sobre conexão, destaca os elementos lingüísticos por meio dos quais se exprimem os diversos tipos de interdependência semântica e/ou pragmática: os conectores interfrásticos. De acordo com a autora, a conexão interfrástica se dá mediante conectores lógicos (relações de causalidade e condicionalidade) e encadeadores discursivos (operadores de sequencialização e operadores argumentativos<sup>2</sup>).

Conjugando-se o estudo de Koch (1992) e o de Pezatti (2002), podemos dizer que, quando estabelece relações lógicas entre as proposições, o *então* atua como um nexos conclusivo no nível do *dictum*, isto é, participa da representação da realidade externa, que o falante vivencia. Por outro lado, quando atua como um operador argumentativo, a coesão se dá no nível do *modus*, pois o *então* exprime a conclusão elaborada pelo falante.

Para fins metodológicos, apropriamo-nos da tipologia sugerida por Koch (2002) e investigamos os seguintes valores sintático-semânticos do *então*, além do advérbio: seqüenciador (operador de sequencialização), conector lógico e operador argumentativo.

## 2. Pressupostos teóricos

Dois arcabouços teóricos pautam este trabalho: a linguística funcional, na qual se inserem os estudos de gramaticalização (item 2.1.), e a linguística textual, base para o estudo das seqüências tipológicas (item 2.2.). Ambas fundamentam a investigação dos padrões funcionais do *então* em diferentes tipologias textuais, do século XIII até o XX.

### 2.1. Linguística funcional e gramaticalização

Ancorados no funcionalismo lingüístico, vários são os estudiosos que se dedicam à pesquisa sobre variação e mudança. Entre eles, Givón (1979) aponta-nos que a sintaxe existe para articular uma certa função, e é esta função que determina seu modo

---

<sup>2</sup> Tratamos aqui daqueles que diretamente nos interessam, os operadores de conclusão.

de ser. Assim, de acordo com a concepção funcional, a sintaxe é uma estrutura parcialmente estável, dependente dos contextos discursivos em que a língua se manifesta. É nesse contexto que se inserem os estudos sobre a gramaticalização – processo de regularização do uso da língua, diretamente ligado à mudança categorial dos constituintes gramaticais.

Os linguistas que estudam a gramaticalização norteiam-se por, pelo menos, dois pontos: (1) todos fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, de outro; (2) consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras (Gonçalves *et alii*, 2007:19).

Neste estudo, partimos do pressuposto de que os usos do *então* são conseqüentes de uma trajetória de mudança espaço>tempo>texto. No português atual, verificamos usos do *então* somente nas dimensões tempo e texto; o sentido espacial do termo só pode ser encontrado no latim: a antiga forma *intunc*, em que o *tunc* é o resultado de *tum* + *ce*, sendo *tum* uma partícula de valor demonstrativo que remete a dados espaciais (Martelotta e Silva, 1996).

Em face da abordagem que fazemos do *então*, esse arcabouço teórico propicia a investigação do processo de gramaticalização, tanto no que diz respeito à sua mudança de item menos gramatical (advérbio) a mais gramatical (conjunção), quanto à polissemia decorrente dos diferentes contextos discursivos em que ocorre.

### **2.1.1. Mecanismos presentes na gramaticalização do *então*: metáfora e metonímia**

De acordo com Traugott e Dasher (2005), o contexto pragmático é a força propulsora no processo da mudança semântica regular. Essa mudança é baseada em dois mecanismos: a) metáfora, ou transferência conceptual, que aproxima domínios cognitivos diferentes; b) metonímia, ou motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto. Para os referidos autores, a polissemia decorrente da metaforização de um termo é conseqüente de pressões metonímicas, pressões estas que passam a figurar como forças centrais desencadeadoras da possível mudança linguística.

No que diz respeito ao *então*, ambos os mecanismos encontram-se presentes no seu processo de gramaticalização. A metáfora, processo unidirecional de abstratização crescente, é motivada pela transferência conceptual tempo > conclusão, partindo de um domínio cognitivo mais concreto para outro mais abstrato. A metonímia, por sua vez, é o mecanismo responsável pelas diferentes reinterpretações do *então*, induzidas pelas seqüências tipológicas em que o termo ocorre.

Em nosso estudo, essas seqüências configuram construções muito importantes do contexto discursivo, e a hipótese é que uma seqüência narrativa, por exemplo, permita a interpretação do *então* como um conector de sequencialização, ao passo que uma seqüência argumentativa o reinterprete também como um conector, mas agora na função de operador argumentativo. Essas possíveis reinterpretações do *então* encontram amparo naquilo que Traugott e König (1991:194) chamam de inferência por pressão de informatividade, predominante na gramaticalização de operadores argumentativos.

Dessa forma, as diferentes seqüências tipológicas constituem contextos situacionais, tornando possível o emprego do *então* conforme suas várias possibilidades e potencialidades, evidenciando seu caráter polissêmico e multifuncional. Isso nos leva mais uma vez ao princípio da extensão imagética:

A faculdade da metáfora opera de modo instantâneo, disponibilizando todas as possibilidades e potencialidades na mente das pessoas que interagem na comunidade discursiva, ancoradas no contexto situacional de cada interação. (VOTRE, 1999, *apud* MARTELOTTA, 2003:64-65)

## 2.2. Linguística textual

Segundo Marcuschi (2005:22), língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, de natureza funcional e interativa, e, como tal, deve ser tratada em seus aspectos discursivos e enunciativos, não em suas peculiaridades formais. Em virtude de existirem modos diversos de interação ou interlocução comunicativa, podem ocorrer também diferentes gêneros de texto, bem como diferentes tipos, ou sequências, textuais.

De acordo com a literatura especializada no assunto, as sequências configuram-se como esquemas em interação dentro de um gênero, no qual se realizam mediante pressões de ordem discursiva. Definidas pela natureza linguística de sua composição – aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas –, em geral abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção (Marcuschi, 2005:22; Bonini, 2005).

Listamos, a seguir, as principais características linguísticas e estatuto dialógico das sequências tipológicas, que constituem o contexto em que o *então* foi empregado nas sincronias estudadas neste trabalho.

a) Sequências narrativas – apresentam uma sucessão de fatos reais ou imaginários; têm como elementos essenciais para a coesão e a coerência os tempos verbais e os advérbios marcadores de tempo e espaço, permitindo a ordenação temporal referencial dos fatos enumerados.

b) Sequências descritivas – permitem a visualização do cenário em que uma ação se desenvolve; detêm-se sobre objetos e seres considerados em sua simultaneidade; os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato.

c) Sequências expositivas (ou explicativas) – apresentam as idéias de forma simultânea, como na descrição; conta com estruturas sintáticas complexas para expressar relações lógicas de causa/consequência, contraposição, explicação, comparação, definição, comprovação etc.; colocam-se na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço.

d) Sequências argumentativas – apresentam hipóteses e justificam-nas com base em argumentos; direcionam a atividade verbal para modificar a visão do outro sobre determinado objeto; constroem-se com base em pressupostos, que estão implícitos, em inferências e conclusões; apresentam vocabulário abstrato e estruturas complexas, como as subordinadas e o modo subjuntivo; contam com conectores de causa/efeito, contradição e consequência.

e) Sequências injuntivas (ou instrucionais) – detalham os passos necessários para realizar uma ação, utilizando verbos de procedimento no modo imperativo, ou estruturas mais longas, com a indicação de como executar uma ação; apresentam ações indistintamente simultâneas ou não, e o tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.

Como se pode observar, as sequências compõem um conjunto de processos cognitivos – percepção no tempo, percepção no espaço, análise, síntese, julgamento,

planejamento – corresponsáveis pela produção do texto (Bonini, 2005:211), dos quais as potencialidades do *então* dependem.

### 3. Metodologia

Como nosso olhar se estende por oito séculos, foi preciso recorrer a *corpora* eletrônicos, disponíveis em diferentes bancos de dados virtuais, como, por exemplo, Análise Contrastiva de Variedades do Português (Varport) (<http://www.letras.ufrj.br/varport>), ou o *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM) (<http://cipm.fcsb.unl.pt/index.jsp>). Juntos, esses *corpora* permitiram a formação de um banco com amostras de diferentes gêneros textuais escritos, desde o português arcaico até o português contemporâneo.

Em seguida, procedeu-se à organização do *corpus* específico deste estudo, selecionando-se somente os textos que registrassem a ocorrência do *então*, sem o controle por gêneros textuais.

Na etapa seguinte, contabilizamos o número de ocorrências do *então*, obtendo-se 825 casos. Contudo, em virtude da heterogeneidade do *corpus* no que diz respeito à quantidade de textos e de ocorrências, século a século, foi necessário utilizar um recurso estatístico que permitisse identificar o número mínimo de casos que representasse estatisticamente todas as ocorrências de cada século. Assim, seguindo a orientação de Pagano e Gauvreau (2004) e Lopes (1999), utilizamos a amostragem estratificada, obtida pela separação das unidades da população em grupos distintos (estratos); em seguida, selecionamos uma amostra aleatória simples a partir de cada estrato, mantendo-se, na amostra, a proporcionalidade do tamanho de cada estrato na população (Pagano e Gauvreau, 2004; Lopes, 1999).

Presumindo uma homogeneidade interna, estratificamos as ocorrências do *então* de acordo com o século no qual foi encontrado. Para cada estrato ou grupo de ocorrências do termo, foi calculado o tamanho mínimo da amostra necessária para a análise de conteúdo. Para tal, fez-se uso da equação a seguir, levando-se em consideração o nível de confiabilidade do tamanho da amostra, (Pagano e Gauvreau, 2004; Lopes, 1999):

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot P \cdot Q}{e^2 (N-1) + Z^2 \cdot P \cdot Q}$$

n = número de elementos (ocorrências) da amostra a ser analisada

N = número de ocorrências existentes

Z<sup>2</sup> = nível de confiabilidade (valor = 2)

P = proporção de ocorrência da variável (valor = 0,5)

Q = proporção de não ocorrência da variável (valor = 0,5)

e<sup>2</sup> = margem de erro (10%)

Com a aplicação dessa fórmula no programa Excel, chegou-se ao tamanho da amostra em cada estrato, conforme exposto na tabela 1.

**Tabela 1. Tamanho da amostra de ocorrência do *então* entre os séculos XIII e XX.**

| Século | Ocorrências | Amostra |
|--------|-------------|---------|
|        | n.º         | n.º     |
| XIII   | 15          | 13      |
| XIV    | 67          | 40      |

|              |     |            |            |
|--------------|-----|------------|------------|
|              | XV  | 158        | 61         |
|              | XVI | 184        | 65         |
|              | XVI |            |            |
| I            |     | 97         | 49         |
|              | XVI |            |            |
| II           |     | 136        | 58         |
|              | XIX | 81         | 45         |
|              | XX  | 87         | 47         |
| <b>Total</b> |     | <b>825</b> | <b>378</b> |

Como se pode observar, o número de ocorrências a serem analisadas sofreu redução de 46%, passando de 825 para 378 casos.

A seleção dos casos a serem analisados se deu de forma não probabilística (Levy e Lemeshow, 1980, Pagano e Gauvreau, 2004); dessa forma, foram escolhidas as primeiras ocorrências até atingir-se o  $n$  amostral de cada século.

Procedemos, em seguida, à organização do material de duas formas: a) conforme o valor sintático-semântico do *então*, agrupando-o, século a século, segundo sua ocorrência como advérbio, conector lógico, sequenciador ou operador argumentativo; b) por sequências tipológicas. Em alguns casos, observamos mesclas de valores entre advérbio e sequenciador; conector lógico e operador argumentativo; sequenciador e conector lógico, entre outros. Não tratamos desses “casos imbricados” neste trabalho, mas sua análise completa pode ser consultada em Arena (2008:90-96). Em virtude dessa exclusão e de termos eliminado também ocorrências do *então* sempre que este se encontrava em situações próprias da fala, com uso enfático ou em sequência dialogal; em poemas, como é o caso das *Cantigas de escárnio e maldizer*, e na maioria das cartas, o total de casos analisados reduziu-se para 283.

Finalmente, para compreender mais amplamente os fenômenos linguísticos investigados na trajetória do *então* e verificar os aspectos que se mantêm constantes ao longo do tempo e que são passíveis de se gramaticalizar, optamos por conjugar as dimensões sincrônica e diacrônica em uma abordagem pancrônica.

#### 4. Padrões funcionais do *então*: o papel das sequências tipológicas

Primeiramente, apresentamos a tabela 2, na qual discriminamos as ocorrências de cada valor sintático semântico do *então* por sequência tipológica e por século.

**Tabela 2. Ocorrências de cada valor sintático-semântico do *então* por sequência tipológica e por século.**

| Valor do <i>então</i> por sequência tipológica |      | Séculos          |    |   |    |     |      |    |   |  | total sequ. | total alor |
|--|------|------------------|----|---|----|-----|------|----|---|--|-------------|------------|
|  |      | III <sup>3</sup> | IV | V | VI | VII | VIII | IX | X |  |             |            |
| advérbio                                       | narr |                  |    |   |    |     |      |    |   |  |             |            |
|  | desc |                  |    |   |    |     |      |    |   |  |             |            |

<sup>3</sup> O fato de o século XIII contar com apenas uma ocorrência do *então* deve-se à exclusão das *Cantigas de escárnio e maldizer*, que compõem a grande maioria do *corpus* dessa sincronia, por elas não terem uma sequência tipológica predominante.



|                           |       |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|---------------------------|-------|--|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|----|
|                           | expo  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | argu  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | inju  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
| equenciado<br>r           | narr  |  |          |          |          |          |          |          |          |           | 06 |
|                           | desc  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | expo  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | argu  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | inju  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
| conector<br>lógico        | narr  |  |          |          |          |          |          |          |          |           | 4  |
|                           | desc  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | expo  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | argu  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | inju  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
| operador<br>argumentativo | narr  |  |          |          |          |          |          |          |          |           | 8- |
|                           | desc  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | expo  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | argu  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | inju  |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
|                           | ntiva |  |          |          |          |          |          |          |          |           |    |
| <b>Total por século</b>   |       |  | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>3</b> | <b>0</b> | <b>7</b> | <b>83</b> |    |

Com exceção do *então* operador argumentativo, todos os outros valores distribuem-se por, pelo menos, duas ou três sequências argumentativas em todos os séculos estudados.

O fato de o uso mais abstrato restringir-se à sequência argumentativa é indício de que o termo em estudo já apresenta restrições típicas do processo de gramaticalização pelo qual vem passando, embora seu uso não seja ainda obrigatório nesta função.

Apresentamos, a seguir, os casos mais significativos de cada sequência tipológica:

#### 4.1. Sequência narrativa

Com a grande maioria das ocorrências, a sequência narrativa revelou-se como ambiente linguístico propício para os usos do *então* como advérbio de tempo (87) e

sequeenciador (96), uma vez que ambos ocorreram, na maior parte das vezes, nesta tipologia.

Cabe ressaltar que, embora esta sequência não constitua contexto linguístico motivador por excelência para o emprego do *então* como conector lógico, as duas ocorrências verificadas na tabela podem se dever ao fato de que, nessa tipologia, à ordem cronológica dos diversos encadeamentos constitutivos da história sobrepõe-se uma ordem de caráter semântico, que são as relações de causa e efeito que perpassam a sucessão de eventos.

Os exemplos que examinamos a seguir ilustram os dois usos mais prototípicos:

- **Então advérbio**

(1) *Por morte do Papa Benedicto XI. que faleceu em Italia na Cidade de Perofa, antre hos Cardeaes, que eram prezentes ouve discordia na criaa do futuro Su~mo Pontífice porque huu~s queria, que fose Italiano, e outros procurava, que Frances fose, Regnando **entam** em Frana El-Rey Felipe a que por sobre nome dicera Fremozo, (...)*

(Crônica del-Rei D. Diniz, capítulo 16, Ruy de Pina, século XV)

É possível que a sequência narrativa nesse exemplo do português arcaico, por apresentar uma sucessão de eventos ou ações, movidos por complicações, constitua um contexto propício para o emprego do *então* em seu uso canônico, já que se trata de uma sequência em que o fator tempo é fundamental. Nesse exemplo, o evento “*morte do Papa Benedicto XI*” desencadeia novo evento – “*ouve discordia na criaa do futuro Su~mo Pontífice*” –, que representa a complicação, geradora de novos eventos ou ações. Em adição, verificamos que os tempos verbais predominantes, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, destacam-se como dois outros traços linguísticos prototípicos das sequências narrativas, contribuindo, igualmente, para que, por pressão de informatividade, o *então* advérbio de tempo seja empregado.

- **Então sequeenciador**

(2) *Achegado que foy Açadaca~o, e apresentado na cidade por mamdado d elrey, esteve algu~us dias sem ver elrey atee que da sua parte foy chamado, **enta~o** se foy lla, e fallou com elrey, damdo lhe a descullpa do erro que pello ydallca~o hera passado*

(Crônica dos Reis de Bisnaga, capítulo 16, sem autoria definida, século XVI)

Neste exemplo, uma sequência de situações, expressas pelas formas verbais “[*foy*] *Achegado*”, “*apresentado*”, “*esteve (...) sem ver*” e “*foy chamado*”, é sucedida por outra sequência da mesma natureza, introduzida pelo *então*: “*foy*”, “*fallou*” e “*damdo*”.

Diferentemente do que observamos sobre o comportamento do *então* advérbio de tempo em sequências narrativas, o *então*, quando é empregado como operador de sequencialidade nesse mesmo contexto linguístico, não tende a expressar simultaneidade de situações. Verificamos que, neste caso, um evento (ou um fato, ou uma ação) só começa depois que o outro foi concluído.

De acordo com a análise da tabela 2, este é o valor sintático-semântico por excelência das sequências narrativas, uma vez que a frequência com que o sequeenciador ocorre na outras tipologias é zero ou muito baixa.

## 4.2. Sequência descritiva

Esta tipologia textual foi a que menos se apresentou como contexto linguístico propício para o emprego do *então*. Isso provavelmente se deve ao fato de, entre os diferentes valores do termo em estudo, o que menos se aplica a este é o papel de caracterizador. Além disso, devemos lembrar que, em um contexto de descrição, as sequências são apresentadas, normalmente, desprovidas de tempo.

Em todas as ocorrências nesta tipologia, reconhecemos no *então* um de seus comportamentos mais registrados, que é o de sequenciador.

- **Então sequenciador**

(4) (...) *e depois de darem sua vista, vem trimta e seis molheres d elrey muyto fremosas, cubertas d ouro e perolas, e de muito aljofre, e nas ma~os cada hu~a sua bacia d ouro, e nom hu~a camdeya d azeite acesa, e com aquellas molheres vem todallas porteiros e as molheres d elrey, com suas canas nas ma~os chapadas d ouro e com muitas tochas acezas, e enta~o se recolhem com elrey pera dentro (...)*

(*Crônica dos Reis de Bisnaga*, capítulo 22, sem autoria definida, século XVI)

Pode-se reconhecer no fragmento em estudo a descrição não de um ambiente propriamente, mas de personagens: o *então* foi selecionado pelo usuário para encerrar uma sequência de orações coordenadas que servem de recurso linguístico para caracterizar as participantes (“*molheres d elrey muyto fremosas*”; “*cubertas d ouro e perolas*”; “*nas ma~os cada hu~a sua bacia d ouro*” etc.) de um processo que marca o encontro do rei com suas mulheres. Naturalmente, se há processo, há sequencialidade, o que, por si só, pode justificar o emprego do *então* em uma sequência descritiva.

### 4.3. Sequência expositiva

É possível que a baixa frequência do *então* nesta sequência se deva ao fato de esta não constituir contexto linguístico para o qual o termo seja frequentemente selecionado; contudo, não podemos deixar de reconhecer que ela o abrigou em quase todos os padrões funcionais que nos propusemos a analisar, especialmente como conector lógico, com sua segunda melhor frequência (8 casos). O exemplo que segue ilustra bem essa relação:

- **Então conector lógico**

(5) *Contra a terceira he que diz bem, se todos os Opositores foraõ filhos do mesmo pay, assim como eraõ netos do mesmo avô; porque entaõ o mais velho seria o Morgado, Principe, e legitimo herdeiro: mas sendo filhos de diferentes pays, como eraõ, devia-se o direito só áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a successaõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro está, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e este era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por se achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Isabel irmã do Infante D. Duarte.*

(*A Arte de Furtar*, Manuel da Costa, século XVII)

Nesse fragmento, percebemos a dialogicidade própria dos textos expositivos: a Senhora Dona Catarina expõe as razões para que ela seja considerada a legítima herdeira do trono de Portugal, em lugar de D. Filippe. Embora não devamos perder de vista que o propósito dessa explicação é defender um ponto de vista, nesse trecho em especial os traços mais marcantes são os da sequência em estudo, na qual se expõe a lógica que rege as hierarquias.

Assim, parece-nos que esse contexto aninha o *então* conector lógico com bastante propriedade, já que a exposição, ou explicação, pauta-se em dados da realidade, factuais portanto.

#### 4.4. Sequência argumentativa

Como era de se esperar, nesta sequência, o valor sintático semântico de maior ocorrência foi o de operador argumentativo (28), seguido pelo conector lógico (20). Não obstante a forma canônica ter sido empregada com alguma expressividade (18), é preciso relativizar esse achado, lembrando que, quando se consideram todas as sincronias, o *então* advérbio obteve número de ocorrências muito maior do que os outros dois. Logo, o emprego das formas mais gramaticalizadas nesta tipologia textual foi, incontestavelmente, o mais expressivo.

- **Então conector lógico**

(6) *Se um amigo atende só a condescender com a condição do outro, não crescem na virtude, antes se pegam os defeitos; porém, se ambos se unem no respeito e observância da lei de Deus e caminho do Céu, então se ajudam e reforçam grandemente.*

(Nova Floresta, Manuel Bernardes, século XVIII)

O fragmento ilustrado em (6) apresenta predominância dos recursos linguísticos próprios de sequências argumentativas, entre eles destacamos:

a) estruturas complexas, como a subordinada condicional, em que se expressam hipóteses – “*Se um amigo atende só a condescender com a condição do outro*”; “*se ambos se unem no respeito e observância da lei de Deus e caminho do Céu*”;

b) relações lógicas estabelecidas por conectores de contradição – “*porém*” – ou consequência – “*então*”.

É justamente nesse contexto linguístico que o *então* é selecionado pelo usuário para estabelecer conexão lógica entre duas proposições em relação de condicionalidade, ou seja, o conteúdo proposicional da oração introduzida pelo *então* é tomado como certo, desde que a condição apresentada na proposição anterior seja satisfeita.

Observe-se que, embora a argumentação seja construída, principalmente, com hipóteses, pressuposições e inferências do falante, no exemplo em análise o *então* ainda não atinge o *status* de operador argumentativo. O grau de hipótese é mínimo e seu emprego se dá no nível do *dictum* por estar estabelecendo relações factuais. Neste caso, ainda não se verificam as modalizações no discurso, tampouco o *então* está em seu mais alto grau de abstração. Esse padrão funcional é mais um indicativo do processo de gramaticalização pelo qual o *então* parece estar passando, e é possível que, no *continuum* unidirecional, este seja o estágio que antecede aquele em que o *então* passa a ser selecionado, por pressão de informatividade, como introdutor de inferências, com valor metafórico bastante acentuado, isto é, como operador argumentativo. É o que passamos a analisar a seguir.

- **Então operador argumentativo**

(7) *E assim, se El-Rei Nosso Senhor achasse um homem tão grande cortesão como se supõe Francisco de Sousa Pacheco, e tudo junto como o sr. Simão de Sousa de Magalhães, seria então a negociação de melhor efeito e de maior crédito. Nesta consideração, sou o primeiro que voto contra mim mesmo, pois quatro anos de*

*assistência em Paris e 32 de estado em Direito, têm laureado em mim muito pouca política e muito pouca jurisprudência.*

(*Cartas*, carta 33, José da Cunha Brochado, século XVII)

Ainda que se tenha, normalmente, dificuldade para identificar uma sequência tipológica predominante no gênero textual carta, o fragmento ilustrado em (7) foi retirado de uma missiva, na qual foi possível reconhecer uma sequência argumentativa. Além de se perceber a intenção persuasiva do autor na defesa de uma tese, os traços linguísticos desta tipologia estão, em sua maioria, presentes:

a) estruturas subordinadas – “*se El-Rei Nosso Senhor achasse um homem tão grande cortêsão como se supõe Francisco de Sousa Pacheco*”;

b) inferência – “*seria **então** a negociação de melhor efeito e de maior crédito*”;

c) uso do modo subjuntivo – “*achasse*”.

O *então* operador argumentativo foi empregado em um contexto que permite enxergarmos além das relações lógicas factuais que a dupla “se...então” pode expressar. O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo “achasse” e do futuro do pretérito “seria” constitui estratégia modalizadora do enunciador; por sua vez, a presença dos adjetivos “melhor” e “maior” atribui juízo de valor à inferência introduzida pelo *então*. Portanto, consideramos que a reinterpretação do *então* como operador argumentativo deve-se à pressão de informatividade exercida pelos recursos linguísticos, pelas escolhas lexicais, pela modalização, ou seja, por diferentes estratégias argumentativas, no nível do *modus*, próprias dessa tipologia textual.

Diante do que acabamos de expor, consideramos pertinente afirmar que a conexão estabelecida pelo operador argumentativo *então* em contextos de alta dialogicidade, como são as sequências argumentativas, tem escopo ampliado. Ao mesmo tempo em que o termo pode estabelecer relações argumentativas muito próximas das de causa e consequência, atua como um verdadeiro articulador textual, extrapolando o âmbito frástico.

#### 4.5. Sequência injuntiva/instrucional

Parece-nos bastante coerente que os valores sintático-semânticos reconhecidos para o *então* nesta tipologia textual sejam aqueles em que se expressam sequencialidade, com cinco casos, e relações lógicas de causa e consequência, com quatro, afinal a injunção permite-nos subentender que, se não se obedecer a um comando, sugestão, ou às etapas de um procedimento, poderá haver consequências.

- **Então sequenciador**

(8) *Quando os metais são negros, com poucas veias brancas (que, se são muitas, faz-se com azougue) sendo mui pesados, se moerão, de sorte que o grão maior fique como o de trigo, e em uma furna, como as que se fazem para derreter metais de sinos, se botará chumbo e se lhe dará fogo com fole, até que aquele chumbo se derreta e ponha corado, e **então** se lhe botará a pedra moída, a saber, em meia arroba de chumbo, se poderão beneficiar seis libras de pedra nesta forma.*

(*Cultura e Opulência do Brasil*, André João Antonil, século XVIII)

O fragmento destacado claramente apresenta ao leitor o modo como se beneficiam os metais. Nela, os segmentos organizam as informações relativas a um procedimento. Trata-se de uma tipologia textual que tem como característica prover uma resposta à questão “Como fazer?”, contexto linguístico bastante propício para que

o *então* seja selecionado como sequenciador de ações, encadeando cada uma das etapas a serem seguidas, a fim de que se atinja o objetivo almejado.

- **Então conector lógico**

(9) *TEMPO NONO* ((a)) *Eno te-po da sentença devem(os) catar que o juyz no~ de' a sentença aginha, mays deve a dar en scripto [...].* ((c)) *E a sentença deve seer dada p(re)sentes as partes ha hua seendo (con)tumax, ca entonce <sup>4</sup>a contumacia a faz p(re)se~te.* ((d)) *E p(er)o que a parte seya (con)tumax, se deryto ha por sy, d(e)ve juyz dar a sentença [e] ento~ deve a a (con)depnar nas despessas porq(ue) no~ veo e foy revel.*

(*Tempos dos Preitos*, autor desconhecido, século XIII)

No trecho “*se deryto ha por sy, d(e)ve juyz dar a sentença [e] ento~ deve a a (con)depnar nas despessas porq(ue) no~ veo e foy revel*”, o *então* participa de relações lógicas de causalidade, relacionando as consequências (“*d(e)ve juyz dar a sentença [e] ento~ deve a a (con)depnar nas despessas*”) de duas causas, expressas nos enunciados anterior (“*se deryto ha por sy*”) e posterior (“*porq(ue) no~ veo e foy revel*”) ao de sua ocorrência. Apesar de reconhecermos que, em termos cronológicos, a causa antecede a consequência, a sequência injuntiva não se caracteriza pelo encadeamento de ações sucessivas no tempo. Pelo contrário, há, como é comum nesta tipologia, predominância de formas verbais no modo imperativo ou, como no exemplo em questão, em que o imperativo é substituído por “deve”, uma forma mais suave de se expressar comando. Na verdade, o fragmento (9) aproxima-se de um “manual” de procedimentos voltado para juízes.

Com base nesse aparato de recursos linguísticos, entendemos haver motivações bastantes que justifiquem o emprego do *então* conector lógico em uma sequência tipológica cujo caráter dialógico é fazer agir o destinatário – o juiz – em uma determinada direção – “*ento~ deve a a (con)depnar nas despessas*”.

## Considerações finais

Ao longo deste artigo, detivemos nossa atenção no *então*. Valendo-nos do que preconiza a tradição gramatical a respeito do item e do que nos revelam as investigações funcionalistas a seu respeito, pudemos confirmar que o *então* não pertence a uma categoria linguística discreta. A possibilidade que apresenta de deslizar da categoria de advérbio para a de conjunção, atingindo seu mais alto grau de abstração como operador argumentativo, descortinou um leque de padrões funcionais tão amplo, que, a fim de procedermos a uma investigação que abarcasse tamanha heterogeneidade, recorreremos ao funcionalismo linguístico e à linguística textual.

Nesses casos, precisamos distinguir os traços “mais predominantes” para determinar sob que perspectiva o termo seria analisado. Diante dessas semelhanças e diferenças, proximidades e distanciamentos, há indícios de que, em seu processo de gramaticalização, o *então* esteja percorrendo o seguinte *continuum*: advérbio > sequenciador > conector lógico > operador argumentativo.

É fato que essas constatações só foram possíveis por termos utilizado recurso estatístico que permitiu o levantamento da frequência com que cada papel exercido pelo *então* ocorreu ao longo dos oito séculos estudados. Contudo, não foi este o objetivo

---

<sup>4</sup> Embora tenhamos registrado duas ocorrências do *então* no mesmo fragmento selecionado (com grafias distintas: “entonces” e “ento~”), somente o segundo foi alvo de nossa análise.

principal deste estudo. Desde o início, a existência de “novos usos” para as formas não canônicas chamou-nos a atenção, e, ao constatarmos que a maioria das chamadas “formas inovadoras” já se apresentava no século XIII, tornou-se maior ainda nosso interesse em compreender a dupla “unidirecionalidade-estabilidade”. Portanto, o propósito maior deste trabalho foi investigar se, em seu processo de gramaticalização, o *então* vem apresentando estabilidade em seus padrões de uso e se, de alguma forma, esses padrões podem ser motivados pelo contexto.

Assim, dois mecanismos presentes na gramaticalização – metáfora e metonímia (Traugott e Dasher, 2005; Heine, 1994) – mostraram-se relevantes para a análise dos dados, e os achados indicam haver dois pólos de predominância:

a) do uso canônico e sequenciador na sequência narrativa, cujos recursos linguísticos estão associados com os tempos verbais pretéritos e com os advérbios marcadores de tempo, elementos essenciais para a ordenação temporal dos fatos apresentados;

b) do uso como conector lógico e operador argumentativo na sequência argumentativa, na qual se observa presença recorrente de estruturas subordinadas e conectores de causa/efeito, consequência ou conclusão, bem como tempos verbais no presente e modo subjuntivo, recursos próprios para apresentar hipóteses, justificá-las por meio de argumentos e encaminhar conclusões.

Em suma, como resultados mais relevantes de nossa análise, por meio de uma abordagem pancrônica, foi possível confirmar que os contextos linguísticos em que o *então* ocorre exercem pressão de informatividade, motivando os diferentes padrões funcionais que o termo vem exibindo desde o português arcaico. Por outro lado, a não ocorrência de dados do *então* como operador argumentativo nos séculos XIII e XIV, os mais antigos da história do português aqui pesquisados, abre outras perspectivas de análise, que podem ratificar a unidirecionalidade do processo de gramaticalização desse elemento.

ABSTRACT: Based on functional and text linguistics, this article analyses the use patterns of *então*, in a panchronic perspective. By means of data collected from written texts from the 13<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> centuries, focusing on the differences among five text types and four different functions of *então*, we demonstrate that there is strong correlation between the textual environment where the item is used and its polissemic uses and grammaticalization, motivated by the metonymic and metaphoric pressures in linguistic use. We noticed that the most grammaticalized function of *então*, as argumentative operator, is more recent in the Portuguese language history, which mean a late change in relation to the other functions of the item.

Key-words: então; adverbs; text types; panchrony.

## Referências bibliográficas

- ARENA, A.B. *Multifuncionalidade e polissemia do então: um estudo pancrônico*. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Niterói: UFF, 2008.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros, Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 208-235.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2000.

- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2003.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M.; OLIVEIRA, M. R. de & VOTRE, S. *A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe*. Revista D.E.L.T.A, vol. 15, no. 1. São Paulo: 1999, p. 85-111.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (ed). *Syntax and semantics. Discourse and syntax*. Nova York: Academic Press, vol. 12, 1979, p. 81-112.
- GONÇALVES, S. C. L. *et alii*. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria C. & CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (orgs.) *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 15-65.
- HEINE, B. Grammaticalization as an explanatory parameter. In: PAGLIUCA, W. (org.). *Perspectives on grammaticalization. Current issues in linguistic theory*, n. 109. Amsterdam: John Benjamins, 1994, p. 255-287
- ILARI, R. *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. I. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 53-120.
- KOCH, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, Elvo (org.) *Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 83-98.
- LEVY, P. S.; LEMESHOW, S. *Sampling for Health Professionals*. Belmont: Lifetime Learning Publications, 1980.
- LOPES, P. A. *Probabilidade & Estatística*. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, P. 19-36
- MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. Gramaticalização do *então*. In: MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J. & CEZARIO, M. M. (orgs.) *Gramaticalização no Português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.
- MARTELOTTA, M. E. ; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; OLIVEIRA, Mariângela R.de & MARTELOTTA, M. E. (orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.
- MARTELOTTA, M. E. A mudança lingüística. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; OLIVEIRA, M. R.de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 57-71.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de Usos do Português*. Editora Unesp, 2000.
- \_\_\_\_\_ Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado*. V. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p.249-286.
- PAGANO, M. ; GAUVREAU, K. *Princípios de Bioestatística*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- PEZZATI, E. G. As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, Ângela C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 185-226.



- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.
- SACCONI, L. A. *Nossa Gramática: teoria e prática*. 18ª. ed. São Paulo: Atual Ed., 1994.
- TERRA, E. *Curso Prático de Gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.
- TRAUGOTT, E. ; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005
- TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to Grammaticalization. Volume I. Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 189-214.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Editora Almedina, 2001.
- VOTRE, S.J.; OLIVEIRA, M. R. de. Para uma teoria pancrônica das atividades lingüísticas. In: FÁVERO, Leonor L., BASTOS, Neusa B. & MARQUESI, Sueli C. (orgs) *Língua Portuguesa – pesquisa e ensino, vol. 1*. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2007, p. 153-163.